

Memórias sobre o cuidado: o (a)s benzedeiro (a)s na região sul do RS

Beatriz Ana Loner

Professora Doutora da Universidade Federal de Pelotas

bialoner@yahoo.com.br

Lorena Almeida Gill

Professora Doutora da Universidade Federal de Pelotas

lgill@terra.com.br

O capitalismo impõe às sociedades por ele conformadas uma permanente mutação, que atinge todas as áreas e se manifesta de diversas formas em vários setores, inclusive no aspecto cultural e social. Estas transformações, quando vistas a longo prazo, tendem a ser encaradas como naturais e inerentes à própria proposta capitalista da busca de lucro máximo.

Desde os séculos XVIII e XIX, vimos o capitalismo estabelecer uma estrutura de produção em série, que avassalou diversas civilizações e sociedades e as submeteu cada vez mais ao seu controle. Durante o século XX, o capitalismo seguiu triunfante, se espalhando e dominando a superfície do globo, especialmente em termos das relações econômicas. Assim, modificou as sociedades humanas e integrou-as em sua rede, ao impor seus valores e bens culturais. As sociedades têm que se modelar e se submeter ao seu poder, ou buscar formas de resistência, mesmo que com isso se transformem em relação a seus modelos tradicionais.

Obviamente, no aspecto econômico isso se torna mais evidente, inclusive sem provocar surpresas, pois devido à eterna competição entre o capital e a capacidade de resistência e luta dos trabalhadores em torno da porção da produção que caberá a um ou outro dos atores envolvidos, se considera esta uma faceta natural do capitalismo, uma transformação inscrita na própria raiz do sistema, tal como enunciada no “Manifesto” de 1848: “a burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos

de produção, portanto, as relações de produção, e, por conseguinte todas as relações sociais” (MARX e ENGELS, 1998, p. 11).

Não faltaram, nos últimos anos do século XX, análises econômicas, históricas e políticas que, a pretexto da descrição dos rumos do século que passou, tentaram interpretar o estágio atual do desenvolvimento capitalista e seus possíveis desdobramentos. Mesmo rotulando-o como “século das catástrofes” (HOBSBAWM, 1995), do imperialismo (SADER, 2000); etapa de ascensão e crise do ciclo de acumulação americana (ARRIGHI, 1996) ou, no plano social e cultural, levantando o paradoxo da “pós-modernidade” e suas contradições (HALL, 2008), resta evidente, nas análises, que o capitalismo em crise ainda está longe de perder a hegemonia e seu poder vicioso, de tudo – ou quase tudo- submeter ao seu controle.

Obviamente seu poder de transformação e de mutação de realidades já estabelecidas é ainda mais forte dentro do setor econômico, especialmente porque aí se encontra a verdadeira motivação do capital: a produção de mercadorias como meio de produção do capital, como exposto por Marx, no volume I de *O Capital*. Neste setor, depois de quase um século e meio de disputas com os trabalhadores, o capital está vencendo a batalha, já que aliado às novas tecnologias e às técnicas científicas, ao lado de modelos de gerenciamento racional da produção, tem feito cada vez mais uso do trabalho morto, incorporado ao capital, contra a força de trabalho vivo, fragilizando o poder de barganha dos trabalhadores pelo emprego massivo de máquinas, da informática e, atualmente, pela “técnica” de importação de desemprego com a abertura das alfândegas a produtos mais “competitivos” vindos de outros países ou continentes.

A crise do trabalho, provocada por esses procedimentos, agora completamente disseminada por todas as economias capitalistas, levou a um debate sobre qual o *status* do trabalho no interior dessas economias e se ainda era possível colocá-lo como elemento central hoje (OFFE, 1989; ANTUNES, 1995). A flexibilização do emprego, a precarização do trabalho, a aposentadoria precoce, o desenvolvimento exagerado do setor de serviços, a situação já considerada como natural do desemprego torna-se um fato comum na vida dos trabalhadores atualmente e são fatores que contribuem para mudar o perfil do capitalismo, distanciando-o cada vez mais do trabalhador de carteira assinada, no caso do Brasil, ou de tempo integral em outros países. A possibilidade de resistência destes trabalhadores é pequena, visto que mesmo seus canais tradicionais de resistência e luta, como sindicatos ou partidos, encontram-se – os primeiros - em séria

crise e os segundos, muitas vezes, às voltas com o papel de administrador do setor público para o capitalismo, ou, o que é ainda pior, gerente de suas crises e das sequelas de seu desenvolvimento planetário.

Em que pese os imensos problemas que esta situação traz aos trabalhadores, pelo menos estes ainda são considerados parte integrante do sistema atual de produção, com função e papel determinado e importância para seu desenvolvimento. Outra, contudo, é a situação daqueles que foram descartados pelo sistema, ou porque seus fazeres se tornaram irrelevantes na configuração do trabalho, ou porque, mesmo tolerados como resquícios de outras eras, em momentos anteriores do desenvolvimento de determinadas formações sociais, hoje em dia se apresentam como completamente ultrapassados, quando não anacrônicos, com seus saberes e modos antigos de fazer, na sociedade do início do terceiro milênio.

Esses trabalhadores, muitos deles já idosos, ficam, hoje em dia, completamente à margem, tal como seus antigos instrumentos de produção, para as necessidades do desenvolvimento atual. É claro que boa parte deles já está em idade de aposentadoria. Outros, entretanto, aparecem a partir de espaços e brechas, normalmente no campo ou em pequenas cidades, em que as ideias e novidades capitalistas ainda não conseguiram penetrar de todo, ou como depositários de saberes que conviveram com o capitalismo, por muito tempo, mas representando modos e práticas indicativos de outros tempos.

No ritmo avassalador do capitalismo triunfante, alguns desses antigos fazeres não têm mais forma de expressão ou sentido produtivo e vários deles terminarão tendo por único espaço na sociedade, aqueles dos museus. Museus de máquinas, museu de homens, pois em alguns casos, a vida destes trabalhadores de tal forma se imbricou com seu ofício, modelando seu corpo e sua mente, que se torna difícil separar estes dois elementos, como no caso de antigos estivadores, com várias marcas no corpo, provenientes do duro trabalho das docas e armazéns do porto, no primeiro e segundo terço do século XX; ou de peões de estância, com sua pele crestada, seu falar rude e sua timidez característica dos homens do campo.

Na tentativa de resguardar algumas nuances desse intrincado universo do trabalho em vias de desaparecimento, está se desenvolvendo um projeto de pesquisa¹,

¹ O projeto chama-se “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer” e conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), através das bolsistas Lóren Nunes da Rocha e Marciele Vasconcelos.

baseado na metodologia de história oral, através de entrevistas gravadas e/ou filmadas, de trabalhadores da região sul do Rio Grande do Sul, mais conhecida como região da campanha gaúcha, abrangendo pessoas da cidade e do campo. Recolhe-se seus testemunhos sobre a sua vida na qual tem papel de destaque as atividades exercidas e a forma de exercê-las, bem como as percepções individuais de cada um deles a respeito de seu ofício e do papel que cumprem (ou cumpriram) na sociedade.

Como um desdobramento inevitável dessa pesquisa, também são abordadas as atividades que, oriundas de antigas tradições ainda existentes no campo e anteriores ao capitalismo, sobreviveram em pequenas cidades do interior, desenvolvendo-se concomitantemente a ele, nas chamadas margens e arestas do sistema, mas que agora correm o risco de ser encerradas definitivamente, inclusive porque não encontram mais aprendizes a quem repassar seu conhecimento, devido à expansão de novas formas de pensamento/produção/relacionamento dos grupos e setores sociais entre si. Os trabalhadores(as) que os exerceram têm um rico manancial de vivências, experiências e trajetórias ligadas a estes ofícios, que vão se perdendo paulatinamente com o seu desaparecimento. A maioria deles (as) já se encontra, hoje, retirada do mercado, pelos motivos do esgotamento de sua força de trabalho; pelo declínio natural da idade e também pelo avassalador efeito das novas tecnologias, que tornaram alguns dos ofícios, mais tradicionais até então, ultrapassados, como é o caso das parteiras, lavadeiras e amoladores de faca, entre outros, ocupações existentes desde o Brasil Colônia, mas que hoje encontram quase nenhum espaço de realização na sociedade contemporânea.

Este é o caso das benzedeadas, cujas entrevistas serão apresentadas nesta comunicação. A benzedura é uma atividade ainda comum nas zonas rurais ou periféricas das cidades pequenas e médias brasileiras, porque seus praticantes estão próximos daqueles que devem atender. Suas experiências revelam uma sabedoria construída por meio da tradição oral. Como as ações são simples, embora cobertas de segredos e de rituais, servem para apaziguar corpos que se sentem enfermos, mediante a fé em um ato simbólico. Tais ações nunca estiveram realmente extintas, pois são parte integrante da religiosidade popular, que procura nelas o alívio de males ou o apoio a problemas que as afetam.

A metodologia principal do projeto é a História Oral Temática, a partir de possibilidades de pesquisa vinculadas tanto à história de experiências, quanto ao registro de tradições culturais (ALBERTI, 2004). Para a execução do trabalho alguns

autores têm sido relevantes como Bosi (1987), Barros (1989), Benjamin (1994), Portelli (1996), Ferreira (2000), Candau (2002), Halbwachs (2004), Alberti (2004), Sarlo (2005) e Meihy e Holanda (2007).

Do ponto de vista teórico, há importantes livros sobre a arte de curar, como, por exemplo, Sampaio (2001), Pimenta (1998), Figueiredo (2002) e Soares (2001). Weber (1999) aparece como uma obra mais geral, que aborda o caso do Rio Grande do Sul. Há ainda textos que analisam a saúde, a doença e a cura a partir de um olhar sobre regiões mais específicas como Witter (2001) e Gill (2007). De toda a maneira, neste projeto, se trabalha com a História do tempo presente a partir de uma fonte em especial, os depoimentos de testemunhas vivas, atualizando algumas das discussões realizadas no campo da chamada História das Doenças.

As entrevistas foram buscadas, conforme já se disse, na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, inclusive em regiões de fronteira, especialmente aquela do Brasil com o Uruguai. Nesse sentido, até o momento, foram colhidos depoimentos de pessoas residentes em Jaguarão e São Lourenço do Sul. Na primeira cidade, que faz fronteira com Rio Branco, no Uruguai, as entrevistas foram realizadas com mulheres que vivem na zona urbana, já em São Lourenço, zona de imigração alemã, foi priorizado o contato com pessoas da zona rural.

Na cidade fronteira, embora se tenha obtido cinco narrativas, apenas duas delas revelaram aspectos importantes sobre práticas curativas. A primeira foi a de Nelsa Rodrigues, 58 anos, natural de Herval. Trabalhando como empregada doméstica, Nelsa sempre praticou rituais de cura, tendo a religiosidade como uma presença marcante na sua vida. Sua própria história familiar está relacionada à benzedura, pois sua avó paterna benzia cobreiro e empate de estômago². Sua mãe, parteira e benzedeira, atuava na quebradura, no mau jeito, na aquisição de ar. Tendo como professoras estas duas mulheres, Nelsa ampliou o espectro da cura, realizando simpatia de bronquite, rezas para o cobreiro, ar, quebrante³ e sapinho. São 43 anos de benzedura, através do uso do barro, da brasa e de galhos verdes, como a arruda e o quebra-tudo. Como uma perspectiva de continuidade de tratamento após o ato de benzer, indica chás para aqueles que a procuram.

² Pequeno problema estomacal, vinculado a má digestão.

³ Mau-olhado seria deliberado, em virtude da cobiça; já quebrante aconteceria em decorrência da inveja.

Segundo Fernandes (2004, p. 27) “a utilização de plantas, além de outros produtos naturais, na terapêutica e prevenção de doenças, pode ser detectada em diferentes formas de organização social, constituindo-se como uma prática milenar associada aos saberes populares e médicos e a rituais”.

A segunda narrativa foi a de Márcia Inês Teixeira Gonçalves, 28 anos, natural de Jaguarão. Márcia foi criada no campo até os 13 anos de idade, tendo sido adotada por uma família já composta por 11 filhos. Neste meio conviveu com a Umbanda, religião que continua frequentando. Depois de casar, aos 15 anos de idade e ter seu primeiro filho, percebeu dificuldades para criá-lo, pois quando ele necessitava de atendimento, não encontrava nem médico, nem benzedeira próxima. No Centro de Umbanda, aprendeu a praticar a cura com uma mulher que a ensinou por estar indo morar em outra cidade. Na sua entrevista, revela atender, sobretudo, crianças com quebrante, mau-olhado, encalhe e espinhela caída. Para ela a fé cura, e tendo em vista ter aprendido um bem que considera importante, afirma não cobrar nada de quem a procura, pois imagina que, ao fazer o bem, o receberá em dobro. O conhecimento mágico acaba se constituindo em uma espécie de salvação.

Na colônia de São Lourenço, o primeiro entrevistado foi Bruno Gehrke, 69 anos, natural daquela região, agricultor e criador de pequenos animais. Bruno, que é evangélico, benze apenas animais, como cavalos e vacas, e realiza estes atos há cerca de 40 anos. O ofício foi aprendido com os avós, que diziam as rezas, repetidas por três vezes, em alemão. Depois de saber o motivo do mal-estar, ou seja, se a doença é da água, do vento ou da comida, benze evocando a saúde do animal, sempre em nome de Deus.

A segunda entrevistada foi Diamantina Fagundes Teixeira, 78 anos, natural de Evaristo, em São Lourenço. Tendo trabalhado na agricultura e em casas de família, aprendeu a benzer com 13 anos. Segunda ela, “depois de benzer é difícil não melhorar”. O alvo das rezas são todos os tipos de doença, mas, especialmente, quebrante, mau-olhado e anemia. O ritual, realizado próximo a uma porta, é construído a partir da fala de frases com o mesmo conteúdo, durante três vezes, sempre tendo nas mãos ramos verdes de arruda e um copo de água.

A terceira entrevistada foi Nair Krüger, nascida em 1945, também na zona rural de São Lourenço. Nair atua sobre vários tipos de mal-estar, mas especializou-se em amigdalites e queimaduras. No que diz respeito à amigdalite, o rito consiste em realizar

uma simpatia na lua minguante, próximo a uma porta na qual deve haver três tábuas. Fica claro que a porta é o símbolo de algo que deveria fechar, encerrar a doença. Sobre as queimaduras, diz que na reza deve-se saber como esta foi adquirida; assim, se o acidente ocorreu com água, as palavras iniciais, ditas em alemão, devem se referir à água, se foi com o fogo, aborda-se o fogo, do mesmo modo ocorrendo com o ferro quente.

Nair traz uma discussão interessante sobre a questão da continuidade da tarefa de rezar pelos outros. Ela diz ter aprendido o ofício com o pai e que deveria ensiná-lo a um homem e este homem ensinaria a uma mulher. A dificuldade maior para a perpetuação da corrente, segundo ela, é porque os homens têm pouco interesse sobre estes assuntos; assim sendo, se perceber que seu conhecimento não possa ser divulgado por alguém do sexo masculino, terá que ensiná-lo uma mulher, pois estas costumam priorizar em sua vida as tarefas do cuidado.

Todos os entrevistados são enfáticos ao afirmar que não basta que eles tenham fé no ato, mas que tal sentimento deve estar presente naquele que recebe a benzedura.

Esta questão lembra o caráter mágico do ato simbólico, expresso por Lévi-Strauss (1975, p. 195).

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença dos feiticeiros na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aquele que enfeitiça.

As benzedoras e o benzedor entrevistado falam sobre a melhoria na qualidade da saúde daqueles que atendem; os assistidos contam fatos que ratificam a competência do atendente e, por último, dentro da comunidade, as pessoas se reconhecem, indicando os cuidados possíveis e atestando a idoneidade de quem os pratica.

A maior parte dos depoentes é composta por mulheres, algumas integrantes de uma mesma rede familiar, demonstrando um saber geracional, como fica explícito na fala de Nelsa e de Nair, as quais, em suas narrativas, estabelecem regras sobre como seguir a tradição, embora fique patente também a sua flexibilidade, como revela Nair que, às voltas com a obrigação da mudança de gênero na transmissão do saber, vê-se agora impossibilitada de dar seguimento a esta prática pela incredulidade e falta de

desprendimento masculino, já aceitando a hipótese de ensiná-la a outra mulher. Paradoxalmente, deverá romper a tradição da passagem a um curador, para manter a tradição do ofício.

Por outro lado, isso também demonstra a dificuldade que enfrentam, mesmo em coletividades mais afastadas dos grandes centros, para manter a prática, pela falta de novos interessados em aprendê-la. Não é de se estranhar o fato de que apenas um homem foi, até agora, encontrado praticando a arte de benzer e, mesmo assim, a praticando apenas em animais, não em seres humanos. Aparentemente, apenas algumas mulheres, mais suscetíveis à questão do cuidado e, por vezes, mais preservadas das relações sociais modernas, por sua costumeira inserção no privado e no doméstico e não na esfera pública, mostram-se ainda disponíveis para o exercício da benzedura.

As religiões das entrevistadas são diferenciadas, sendo católicas, evangélicas, espíritas, protestantes, umbandistas. O entendimento é que receberam um dom, que deve ser compartilhado, sob pena de se perder. Este dom se coloca dentro de perspectivas de caridade e solicitude.

Através de suas falas é possível perceber que não importa o culto que professam, mas a vontade de perpetuar alguns saberes que vivenciaram em suas histórias familiares. Segundo Barros (1989, p. 33) “para Halbwachs transmitir uma história, sobretudo a história familiar, é transmitir uma mensagem, referida, ao mesmo tempo, à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória da sociedade mais ampla, expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar”.

Cada homem ou mulher benzedeira, conforme foi visto pelas entrevistas, demonstra o domínio de uma ou outra prática. Alguns benzem o mau olhado, outras o sapinho, algumas doenças de pele, como o chamado cobreiro ou beijo de aranha, expressões populares para o herpes. Há ainda aquelas que falam em doenças mais específicas como a amigdalite e a anemia e também as que abordam uma perspectiva mais completa para a atenção com o corpo, revelando buscar o bem estar de uma forma integral. Em relação aos homens, o fato de não se haver entrevistado mais elementos masculinos, impede generalizações em torno de suas especificidades de cura.

O que une as mulheres, no entanto, é a tarefa do cuidado. Sentem-se cuidadoras, como foram suas avós, as suas mães e como pretendem que sejam as suas filhas, ou suas sucessoras, como no caso de dona Nair, que percebe não poder passar sua tarefa dentro da família, tendo que buscar um discípulo fora dela. Isto não quer dizer que não

almejem um futuro de realizações profissionais, por exemplo, para os mais próximos, mas que chamam para si a tarefa solidária de zelar pelo outro.

As benzedeiros raramente discutem seu papel de cuidadoras, pois é como se isto fosse uma marca de distinção. Sua esfera é a familiar e comunal. Cuidam dos filhos, zelam pela velhice dos pais e parentes e se preocupam com a tranquilidade dos vizinhos, auxiliando a tratar males pertinentes à sua área de atuação.

Nenhuma das pessoas entrevistadas abordou o fato de receber qualquer quantia pelo serviço que prestam, embora se saiba que, em algumas vezes, são presenteadas com aquilo que o atendido julgar adequado. Apenas Márcia revelou que não se sentia à vontade com qualquer forma de pagamento.

No que diz respeito ao atendimento médico, relatam que em certos casos são procurados antes, em outros depois da procura por um profissional da área da saúde. Não percebem, no entanto, que exista oposição entre as práticas, mas sim complementaridade.

Ainda é importante atentar para o momento da reza. Alguns entrevistados se negaram a proferir as palavras mágicas; outros revelaram que não seria entendido aquilo que diziam, especialmente aqueles que falavam o pomerano⁴, como em São Lourenço. Alguns outros, por fim, mostraram o ritual, com palavras sussurradas, em um tom tão baixo que algumas vezes lembrava um canto, cuja rima principal se relacionava às palavras Deus e Jesus.

Os depoimentos, prioritariamente, estão sendo filmados, mas em casos em que o depoente não se sinta confortável com o procedimento, as falas são gravadas, transcritas e depois encaminhadas aos entrevistados. Quando há filmagem, mostra-se o conteúdo editado das horas gravadas, para a concessão dos direitos de imagem; já no caso do documento escrito, após a leitura do depoimento e da realização de alterações, quando necessário, é assinado um termo de cessão de direitos, permitindo que o conteúdo do discurso possa ser utilizado na pesquisa e que componha o Laboratório de História Oral, podendo ser utilizado também por outros interessados na temática.

⁴ Uma das entrevistas realizadas em São Lourenço não foi ainda citada, por ter sido toda concedida em pomerano. A entrevistada, Nilsa Pach, 80 anos, no primeiro momento, disse que não falaria, pois não teríamos condições de entendê-la. Como um dos bolsistas se comunicava através do dialeto, conseguiu-se obter o depoimento, que está sendo trabalhado pelo grupo.

A filmagem é muito importante, pois a mera descrição da atividade da benzedura não é tão eficaz quanto a captação da imagem do praticante, mostrando os hábitos mais costumeiros ao trabalhar, e quando seu corpo, sua voz, suas mãos são instrumentos básicos para a consecução de sua atividade e para a confiança das pessoas em seus resultados.

Considerações Finais:

Esta comunicação tem como objetivo apenas apresentar uma exposição inicial sobre o assunto em pauta, tendo em vista que várias outras cidades serão pesquisadas, tanto na zona urbana como rural, por se perceber que existem peculiaridades regionais no que diz respeito às práticas de benzedura.

Embora as benzedeadas existam prioritariamente em cidades do interior, já é possível verificar que nas cidades maiores também se pode encontrá-las, embora em outra vertente, vinculadas de forma mais direta à religião espírita e à umbanda. Como o espiritismo tem como pressuposto a caridade, o cuidar do males dos outros faria parte da rotina das chamadas mães-de-santo.

Ainda que os depoimentos obtidos em Jaguarão tenham sido importantes, na colônia de São Lourenço, por exemplo, novos elementos foram trazidos ao debate, especialmente aqueles vinculados à transmissão do saber. O fato de que a maioria das depoentes foram mulheres, com exceção de um, ainda está aberto à discussão, mas parece indicar, por um lado, a falta de desprendimento masculino e, por outro, levando-se em conta que o entrevistado em questão não benze pessoas, mas apenas animais, pode-se estabelecer uma vinculação com o cuidado da atividade produtiva. É possível que nas próximas entrevistas se encontre homens que benzam adoentados de todos os tipos, mas chamou a atenção o fato de que o único homem pesquisado se relacionasse a uma prática um pouco diferenciada da cura priorizada pelas mulheres.

No caso delas, fica evidente que se trata de um ofício, quase uma missão, a que se dedicam e que, na maioria das vezes, não está sujeita à lógica capitalista, pois não se trata nem de troca de mercadorias, nem de retribuição material, mas sim da perseguição de objetivos no campo do sagrado e do místico.

Referências Bibliográficas:

- ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar*. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. São Paulo: Contraponto, 1996.
- BARROS, Myriam. Memória e Família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. São Paulo: Brasiliense, 1994. In: *Obras Escolhidas*, v.3.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. Ed. da Universidade de São Paulo, 2. ed. 1987.
- CANDAU, Joël. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CHAUVEAU, Agnès. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- FERNANDES, Tânia. *Plantas Medicinais: memória da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.
- FIGUEIREDO, Betânia. *A Arte de Curar: Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício da Leitura, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. *Identidade na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia.das Letras, 1995.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro. *Tempo Brasileiro*, 1975, p. 193-213.
- GILL, Lorena. *O mal do século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (1890-1930)*. Pelotas: EDUCAT, 2007.
- MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto do partido comunista. In: COUTINHO, Carlos e REIS FILHO, Daniel (orgs.). *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 7-41.
- MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

- OFFE, Claus. *Capitalismo desorganizado*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Capítulo: Trabalho: a categoria sociológica chave?, p.167-198.
- PIMENTA, Tânia. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). In: *História, Ciência, Saúde*, v. 2, 1998, p. 349-373.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- SADER, Emir. *Século XX: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- SARLO, Beatriz. *Tempo presente*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- SOARES, Márcio. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. In: *História, Ciência, Saúde*. VIII (2), 2001, p. 407-428.
- SCHRITZMEYER, Ana Lúcia. *Sortilégio de Saberes*. Curandeiros e juízes nos tribunais brasileiros (1900-1990). São Paulo: IBCCRIM, 2004.
- WEBER, Beatriz. *As artes de curar*. Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense, 1889-1928. Santa Maria: Ed. Da UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- WITTER, Nikelen. *Dizem que foi feitiço*. As práticas de cura no sul do Brasil (1845-1880). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.